

Grupo de ouvidores de vozes: facilitação e saber da experiência

**Voice hearing group:
facilitating and experience based knowledge**

**Daiana Paula Milani Baroni, Igor Tomé Silva Santos,
Juliana Valeri Simão Trevisan, Samuel Marques dos Reis,
Natália Cristina Ribeiro Pacheco (Brasil)**

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões em torno da dinâmica de funcionamento de um Grupo de Ouvidores de Vozes em uma perspectiva de análise das relações de poder e saber. O objetivo seria analisar alguns aspectos grupais como o desenvolvimento da técnica de facilitação entre os membros, a narrativa do saber da experiência e o trabalho de troca de estratégias por pares, assim como apresentar algumas relações entre questões de gênero e o fenômeno de escuta de vozes. O método utilizado tratou-se da observação-participante em um grupo de ouvidores de vozes por cerca de 12 meses. Concluiu-se que a abordagem proposta pelo Movimento *Intervoice* pode contribuir na promoção de transformações nas relações de saber e poder entre membros ouvidores e não ouvidores, desenvolvendo relações mais igualitárias, valorizando interpretações não técnicas de suas trajetórias e reconhecendo a importância da busca por recursos próprios no direcionamento de suas vidas.

Palavras-chave: Facilitação; Narrativa; Ouvidores de vozes; Saber da experiência; Saúde mental.

Abstract: This article presents reflections around the dynamics of a hearing voices group from a perspective of power-knowledge relationships. The objective is to analyze group aspects such as the development of the facilitation technique among the members, the narrative of the experience based knowledge and the sharing of strategies by peers, as well as to present relationships between gender issues and the phenomenon of hearing voices. The method used was participant observation in a Hearing Voices Group for 12 months. It was concluded that the approach proposed by the Hearing Voices Movement (*Intervoice*) can contribute significantly to the promotion of transformations in the relations of knowledge and power between voice hearers and no voice

hearers members, developing more egalitarian relationships, valuing non-technical interpretations of their trajectories and recognizing the importance of seeking their own resources in directing their lives.

Keywords: Experience based knowledge; Facilitating; Mental health; Narrative; Voice hearers.

Introdução: Grupo de ouvidores de vozes e o Movimento Intervoice

Hearing Voices Movement (HVM), ou Movimento dos Ouvidores de Vozes, surgiu no fim da década de 80, precisamente em 1987, na Holanda, a partir da relação médico-paciente estabelecida entre a paciente Patsy Hage, que vivenciava o fenômeno de audição de vozes, e seu psiquiatra Marius Romme que até então mantinha uma perspectiva convencional em psiquiatria (Baker, 2015). Patsy, ao propor a Romme a escuta interessada sobre sua experiência com as vozes, alegando coerência e relevância nas mensagens trazidas por elas, inaugura, através da abertura de Romme um outro modo de se conceber e abordar o fenômeno da escuta de vozes, considerada naquele momento pela medicina e pela sociedade exclusivamente como alucinação verbal auditiva, ou seja, um sintoma de adoecimento mental. Desse modo surge o primeiro grupo de ouvidores de vozes com a proposta de estreitar relações entre ouvidores, compartilhar estratégias para lidar com vozes inoportunas e com os efeitos sociais e individuais advindos dessa experiência. O grupo visava ainda incentivar o diálogo sobre outras interpretações em relação ao fenômeno das vozes, dando visibilidade às narrativas sobre tais experiências a partir dos próprios sujeitos que as vivenciavam, se desprendendo assim, da centralidade do enfoque médico tradicional (biomédico) pautado no silenciamento das vozes.

Desde então, o movimento vem reunindo os esforços de indivíduos ouvidores de vozes bem como de não ouvidores, como familiares, profissionais da saúde mental e defensores dos direitos humanos na promoção de grupos em diversos países. O HVM atualmente se encontra em mais de 30 países, propiciando a existência destes espaços em que os ouvidores possam compartilhar suas experiências e saberes relacionados à audição de vozes e dialogar sobre suas dificuldades e suas estratégias para conviver com o fenômeno (Bien & Reis, 2017).

O Movimento *Intervoice* encontra no Brasil, a partir de 2015, um solo fértil para a disseminação de suas concepções e práticas grupais a partir da iniciativa de pesquisadores e profissionais da psicologia, psiquiatria e enfermagem que ao terem acesso às diretrizes e história do Movimento, puderam introduzir sua proposta em contextos diversos. As diretrizes do *Intervoice* compartilham das mesmas compreensões que orientam as práticas de saúde mental brasileiras após a Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial. As práticas e concepções do *Intervoice* se inscrevem em uma proposta que busca desconstruir o modelo convencional de se fazer psi-

quiatria (mesmo que seu foco esteja nos ouvidores e não nos psiquiatras), se alinhando à perspectiva crítica dos Movimentos da Antipsiquiatria (com as contribuições de autores como David Cooper, Michel Foucault, Ronald Laing, Thomas Szasz, dentre outros) e da Psiquiatria Democrática Italiana (proposta por Basaglia), colocando em questão a forma usual de cuidado destinado a usuários dos serviços de saúde mental.

O grupo de ouvidores de vozes do qual iremos tratar neste artigo foi formado em 2018, no contexto de um estágio em Psicologia ligado a uma universidade federal situada no estado de Minas Gerais e vinculado à *Rede Internacional Intervoice*, através da supervisora da proposta, com o compromisso de escuta e acolhimento destino a ouvidores de vozes da cidade e região a partir dos preceitos do *HVM*. O grupo que não apresenta fins terapêuticos, atua no sentido de promover mútua ajuda, tendo como objetivo propiciar uma conversa sobre as vozes por meio da dinâmica de facilitação, em um espaço de trocas seguro e livre de julgamentos, de apoio, de incentivo à qualidade de vida, autonomia, criação de vínculos e de estratégias de enfrentamento.

Também foram realizadas conversas individuais entre ouvidores e estagiários do projeto, com o intuito de trabalhar a relação de proximidade entre eles e, sobretudo, acolher temáticas que os ouvidores não se sentiriam confortáveis em compartilhar com todos do grupo. Além dos encontros grupais, se promoveu práticas de apoio, ou seja, atividades extras, como momentos de lazer, de estudos e de interação. Com a pandemia do Covid-19 nos anos de 2020 e 2021 os encontros presenciais foram suspensos e os participantes tiveram que se adequar à nova medida de funcionamento *online*, ocorrendo então através de uma plataforma digital, modificando os parâmetros anteriores de funcionamento do modelo presencial.

Após uma etapa de adaptação, em que o grupo como um todo buscou descobrir o que melhor se adequaria ao contexto virtual de encontros (escolha da plataforma para a realização dos encontros, desenvolvimento de treinamento individual para o ingresso na plataforma, promoção de maior acessibilidade possível dentro dos limites dos participantes) foi iniciada uma proposta semanal de diálogo virtual abordando os temas mais frequentes apresentados pelos participantes em relação ao processo de escuta de vozes e também sobre as experiências e condições de vida no momento da pandemia.

Sendo assim, o presente artigo apresenta algumas reflexões em torno da dinâmica de funcionamento de um grupo de ouvidores de vozes a partir do recorte dos temas das relações de poder e saber. Buscou-se refletir ainda sobre o processo de condução desta proposta grupal no formato virtual em decorrência da pandemia de SARS-CoV-2 nos anos de 2020 e 2021. O objetivo foi analisar alguns aspectos grupais como o desenvolvimento da técnica de facilitação entre os membros, a narrativa do saber da experiência e o trabalho de trocas de estratégias por pares, assim como

apresentar algumas relações entre questões de gênero e o fenômeno de escuta de vozes. O método utilizado tratou-se da observação-participante de estagiários dos cursos de Psicologia e Medicina em um Grupo de Ouvidores de Vozes, no interior de Minas Gerais, por cerca de 12 meses.

Metodologia

Por meio da observação-participante realizada por pesquisadores/estagiários dos cursos de Psicologia e Medicina de uma universidade federal no estado de Minas Gerais, por um período de 12 meses, envolvidos na dinâmica de um grupo de ouvidores de vozes, visou-se apresentar, mediante relato de experiência, algumas reflexões acerca das relações de poder e saber no grupo, tendo como base para estas reflexões o enfoque do *HVM* e as diretrizes da Reforma Psiquiátrica.

Dos preceitos do *HVM* focamos neste artigo: a centralidade da perspectiva do sujeito ouvidor de vozes em relação ao processo de escuta, a ampliação e multiplicidade de versões possíveis sobre o fenômeno, a despatologização e ressignificação da escuta de vozes, a importância do diálogo entre ouvidores e da troca de estratégias no enfrentamento dos efeitos oriundos da escuta de vozes. Movimento da Reforma Psiquiátrica nos inspiramos para este artigo na ideia de autonomia e de permanência no território, na importância de uma perspectiva psicossocial em relação ao sofrimento psíquico e na dinâmica de relações de cuidado mais horizontalizadas.

Os encontros do grupo de ouvidores de vozes descrito nesta pesquisa, já ocorriam desde 2018, no entanto, sofreu modificações em sua dinâmica e redução em seu número de participantes desde junho de 2020 devido à pandemia, contando com um total de 10 ouvidores e 7 estagiários se alternando no decorrer de 12 meses em que os encontros foram realizados de forma *online*. A média de participantes por encontro foi de 3 ouvidores para 3 estagiários, havendo dias em que o número máximo de estagiários em uma mesma reunião chegou a 5, assim como o número máximo de ouvidores também chegou a 5 em um outro dia de reunião.

As reuniões ocorreram primeiramente através das plataformas *Google Meet*, e posteriormente através da plataforma *Jitsi Meet*, sendo organizadas e divulgadas pelos estagiários através de um grupo específico de *Whatsapp* do grupo de ouvidores, preexistente. Contou-se com o desenvolvimento de um tutorial para ajudar na utilização da plataforma de reunião e com a assessoria individual de um dos estagiários, também responsável pela criação do *link* das reuniões e pela abertura da sala. Da média de 12 ouvidores participantes por reunião no modelo presencial, pudemos apenas alcançar menos da metade, embora tenhamos contactado individualmente a maior parte dos antigos participantes do formato presencial por telefone ou por *Whatsapp*, no início do processo de transição para o forma-

to *online*. No entanto, muitos se depararam com a impossibilidade de participação devido à falta de acesso a telefone celular, à rede de *internet*, falta de privacidade em casa ou de condições adequadas para disponibilizar seu tempo para as reuniões virtuais.

Os encontros tiveram uma duração de cerca de 1 hora inicialmente, se estendendo para 1 hora e 30 minutos e um segundo momento quando os ouvidores foram incorporados às reuniões de planejamento. O grupo de participantes ouvidores no formato *online* foi constituído por homens e mulheres entre 18 e 60 anos, de cidades da região do Campo das Vertentes, com ocupações e rendas mensais variáveis, frequentadores do serviço público em saúde mental da região, assim como de serviços em saúde mental em âmbito privado. A maior parte dos frequentadores já havia tido acesso ao grupo anteriormente, no formato presencial.

Durante os encontros foram discutidos temas sugeridos pelos participantes e votados como de interesse coletivo, sendo cada sujeito convidado a narrar em primeira pessoa suas experiências em torno daquele tema ou manifestar espontaneamente o desejo de apresentar seu relato em relação a outro tema afim. Para coordenar a discussão grupal era empregado o recurso da facilitação, função desenvolvida por um ou mais participantes do grupo. Alguns dos temas considerados relevantes no processo grupal durante o período entre abril de 2020 e julho de 2021, foram eleitos pelos estagiários para serem desenvolvidos no presente artigo, tendo em vista trazer visibilidade a tais problemáticas que entrecruzam o fenômeno de escuta de vozes, modulando, de certa forma, interpretações, respostas e encaminhamentos por parte de ouvidores e pesquisadores. Os temas eleitos para desenvolvimento neste artigo foram: a condução do grupo por meio da facilitação entre os membros, a narrativa do saber da experiência e a troca de estratégias por pares e algumas questões pertinentes em torno da relação entre questões de gênero e o fenômeno de escuta de vozes.

Como forma de análise do conteúdo eleito para reflexão e aprofundamento optamos pela perspectiva foucaultiana, nos atendo assim a possíveis correlações entre as experiências trazidas pelo grupo a partir do recorte das relações de poder e saber (Foucault, 1978/2021). Sendo assim, o enfoque nas relações de poder e saber neste artigo prioriza uma compreensão do fenômeno de escuta de vozes e do fenômeno grupal a partir de uma perspectiva de produção das práticas sociais em torno de dispositivos históricos, tendo como correlatos efeitos de subjetividade que irão delinear formas de estar no mundo, de se perceber enquanto sujeito e de se relacionar. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São João del-Rei, sob o número 11967919.8.0000.5151.

Considerações sobre relações de poder, saber e questões de gênero

A facilitação

Os grupos de Ouvidores de Vozes, desde seu surgimento dentro de uma perspectiva de auto e mútua ajuda, tiveram como objetivo promover o encontro entre pares, no intuito de construir melhores caminhos no processo de convivência com as vozes e superação dos possíveis efeitos danosos da experiência de ouvir vozes (Baker, 2015). De acordo com Vasconcelos (2013) um grupo de auto mútua ajuda pode apresentar duas vias de desenvolvimento de suas atividades: como grupo de ajuda mútua e grupo de suporte mútuo.

Um grupo de mútua ajuda teria como objetivo acolher e promover troca de experiências entre pessoas com problemas comuns, sendo a tarefa de coordenação/facilitação desenvolvida pelos próprios integrantes, contando com a eventual presença de profissionais apenas como suporte indireto. Para tanto, faz-se necessário o estabelecimento de um contrato de participação entre seus membros, assumindo regras básicas a serem discutidas, aceitas e seguidas por todos, para o bom andamento das atividades grupais. Já um grupo de suporte mútuo teria como objetivo integrar usuários, familiares, amigos e comunidade em atividades sociais com a utilização de recursos já existentes na sociedade, sendo a organização destes encontros realizada em reuniões específicas. Sendo assim, o suporte mútuo amplia as oportunidades de cuidado, sociabilidade, lazer e de vida cultural para ouvidores de vozes.

O grupo de ouvidores de vozes aqui descrito buscou incorporar as duas modalidades grupais, suporte e apoio, diluídos em meio às atividades semanais. Desta maneira, um encontro iniciado a partir da proposta de diálogo sobre as vozes e temas afins, no decorrer de sua dinâmica se encaminhava de modo a também oferecer um contexto lúdico com dinâmicas corporais, música e práticas ao ar livre, podendo contar para tanto, com a presença de convidados externos. Tal possibilidade, comum no formato presencial, durante a pandemia não pôde ser sustentada. Sendo assim, a promoção de atividades de suporte mútuo não pôde ser mantida nos encontros remotos, restringindo-se apenas à promoção de ajuda mútua, através do acolhimento e da troca de experiências.

Durante as reuniões grupais um membro do grupo ficava responsável por realizar a facilitação, ou seja: mediar o diálogo, ressaltar a importância de cada contribuição, conectar as falas dos presentes, destacar a emergência de exemplos de boas estratégias de convivência ou superação em relação ao fenômeno das vozes, amenizar possíveis conflitos, assegurando com isto o bom andamento da proposta grupal. A função de facilitação, embora tenha apresentado um predomínio da atuação da coordenadora do grupo, também se alternou entre os demais participantes, estagiários

e ouvidores, de modo a tentar não condicionar tal função a uma figura específica do grupo. Um momento de planejamento foi inserido ao encontro semanal com duração de cerca de 30 minutos, no intuito de englobar os ouvidores também no processo de tomada de decisões referentes a questões importantes de condução e manutenção do grupo, organização da dinâmica, extensão da proposta e ações coletivas como um todo.

Segundo Baroni (2018) a facilitação é uma função de mediação no sentido de implicar os participantes de um grupo em um trabalho tanto individual, quanto coletivo, colocando em discussão problemas, temas ou experiências que os presentes queiram compartilhar no intuito de elaboração, superação e/ou reposicionamento social e subjetivo. Tal função seria desenvolvida durante a participação em grupos de apoio mútuo, de modo a propiciar: a circulação do lugar de fala, o impedimento da prevalência de uma dada perspectiva (em detrimento de outra), a constituição de um campo neutro de trocas (ao invés de definições padronizadas), a conexão de relatos e pessoas na busca por estratégias, a aceitação e normalização destas experiências. Sendo assim, “o facilitador organizaria o tempo, o espaço, a dinâmica da atividade proposta e tal função deveria circular semanalmente entre todos os participantes do grupo” (Baroni, 2018). Para Vasconcelos (2013) a facilitação trata-se da função de condução da dinâmica do grupo e que pode ser dividida em três fases: I - acolhimento e exposição das regras da reunião; II - relatos e trocas de experiências; III - síntese reflexiva e emocional dos depoimentos. Para o autor, o papel de facilitação pode ser ocupado tanto por profissionais, quanto por ouvidores (preferencialmente), havendo variação nas funções desempenhadas por cada um destes e nos níveis de responsabilidade.

A atuação de profissionais ou trabalhadores como facilitadores em grupos de ajuda mútua, embora seja recomendado apenas em caráter temporário, foi realizada de forma mais frequente no grupo em questão, devido a diversos fatores, sobretudo, à resistência por parte dos próprios ouvidores em assumir a posição de condutores, organizadores ou planejadores das reuniões e atividades grupais. Segundo o relato de alguns participantes ouvidores, a princípio o grupo parecia se configurar como um grupo terapêutico, o que de certo modo se justifica pela própria estrutura da coordenação do grupo composta por profissionais dos cursos de psicologia e medicina e pela dificuldade destes em distribuir as funções entre os ouvidores.

Durante o processo de consolidação do grupo ainda no formato presencial, ocorreram mudanças na maneira de convocar a fala dos participantes. No início, havia a preocupação por parte dos facilitadores de tamponar o vazio ou o desconforto trazido como efeito do silêncio. Em virtude disso, era proposto um roteiro temático preestabelecido em supervisão entre a equipe de trabalho (coordenadora e estagiários) que visava ocupar o tempo das reuniões de ouvidores com a discussão sobre um determinado

tema, a fim de proporcionar o estabelecimento gradual de vínculos entre os membros e a implicação com os conteúdos propostos. Dessa forma, era trazido semanalmente um determinado tema sobre possíveis dificuldades de enfrentamento e conflitos diários dos ouvidores, tais como: a relação com as vozes, o medo, os medicamentos, a família, etc.

Em um segundo momento do processo de consolidação do grupo, partiu-se da tentativa de não se estabelecer um roteiro temático prévio, o que incorreu na possibilidade do surgimento para os ouvidores de discursos mais espontâneos, sobre posições de sofrimento e mal-estar nas relações sociais. Tal mudança só foi possível mediante uma dinâmica ativa que parecia já caber dentro do processo do grupo. A amenização das intervenções diretivas e a abertura na proposição dos temas — incentivando, colhendo e deixando fluir as conversas a partir dos próprios ouvidores — trouxe um novo processo ao grupo.

Com a pandemia, diante da necessidade de readaptação dos encontros dentro de um formato virtual, foi necessária a criação de um modo de facilitação ainda mais fluido, tendo como foco temáticas trazidas pelos participantes de maneira semiestruturada e com a redução do número de intervenções. Esse modo de apoio mútuo pôde contribuir com a manutenção do contato entre os membros do grupo neste período, visto que durante a pandemia foi considerável o aumento da demanda por encontros grupais e individuais, uma vez que muitos deles relataram sentir necessidade de serem ouvidos de forma privada por estagiários ou profissionais, assim como de ter acesso a alguma forma paliativa de socialização e lazer.

Pudemos identificar uma dificuldade inicial por parte dos participantes em entender a estrutura e a função do grupo na proposta virtual, ou seja, o papel dos facilitadores/estagiários e o objetivo de estarem conectados por meio de uma plataforma digital. A forma de perceber os envolvidos não ouvintes do grupo sofreu frequentes variações neste período inicial de adaptação, segundo nos foi relatado por ouvintes participantes. Em algumas ocasiões éramos vistos como pesquisadores em uma relação sujeito-objeto, em outras como clínicos interferindo nos processos terapêuticos dos presentes, em outras como amigos ou parte de uma família composta por ouvintes. Tal variação foi por nós atribuída à variação também da forma de contato, intermediada pela tela de celulares, trazendo com isto distanciamento físico, mas, no entanto, envolvendo acesso direto aos participantes não ouvintes por meio de mensagens no *Whatsapp*. Outro fator relevante a este respeito seria o fato de podermos estar dentro das casas dos ouvintes no momento das reuniões *online*, trazendo uma atmosfera de maior intimidade e familiaridade.

No início da proposta do grupo através das plataformas *online*, foi possível nos concentrar mais facilmente na temática das vozes, analisando como o momento de isolamento social estava sendo experienciado pelos ouvintes e como a questão do isolamento estava refletindo no conteúdo

das vozes. Um exemplo de relato trazido por um dos ouvidores foi a descrição do período da pandemia em termos de dificuldades de sair de casa, pois ouvia vozes no ambiente da rua que se encontravam perturbadas em decorrência da pandemia, o que tornava exaustivo se concentrar ou estar em tranquilidade externamente. No entanto, no decorrer dos encontros, foi se tornando cada vez mais difícil ater-se ao fenômeno das vozes e aos seus conteúdos, uma vez que diversas outras temáticas foram se sobrepondo em termos de importância em relação ao tema inicial das vozes. A facilitação buscou assim enfatizar o que de mais relevante a experiência de cada um trazia naquele momento.

Estratégias para o desenvolvimento da capacidade de facilitação por parte dos ouvidores passaram a ser estimuladas e desenvolvidas por meio da criação de um momento grupal específico para a discussão, planejamento e compartilhamento de responsabilidades que envolviam os ouvidores. Almejava-se assim, o posterior desenvolvimento de um dispositivo de supervisão específico para os facilitadores ouvidores, no qual fosse possível a troca de experiências e auxílio na superação dos desafios usuais na condução do grupo, independentemente da participação direta de estagiários e da coordenadora. Uma vez que “diretamente nos grupos, a direção principal de atuação dos profissionais é estimular o empoderamento e a autonomia dos usuários e familiares, repassando gradualmente todos os postos de poder para eles” (Vasconcelos, 2013, p. 32), cabe aos membros não ouvidores integrantes do grupo fortalecer as potencialidades e capacitá-los para isto.

Para Vasconcelos (2013), assim como existem duas vias de desenvolvimento das atividades de um grupo de auto e mútua ajuda, existem também duas formas de realizar a facilitação, com a separação e desenvolvimento de funções distintas, o que pode auxiliar na compreensão sobre a condução das tarefas. Existem, portanto, dois tipos de facilitador: o facilitador guardião - responsável por lembrar e garantir as regras do contrato e de bom funcionamento do dispositivo grupal (controlando o tempo e assegurando o direito de fala para todos, promovendo o bom clima da reunião e colocando limites aos eventuais comportamentos disruptivos em relação ao grupo, quando necessário) e o facilitador incentivador - participante ativo que estimula os demais a expressar suas vivências, podendo sugerir palavras ou manifestação de apoio. No entanto se a função de facilitador incentivador for assumida pelo:

profissional de saúde mental, é recomendável que fale pouco de si e que seja o menos diretivo possível, que não faça recomendações diretas, fazendo sempre referência de que sua fala parte de experiências de pessoas que conhece, valorizando sempre as lições e a sabedoria gerada pela vivência direta de usuários e familiares (Vasconcelos, 2013, p. 31).

Observamos que no grupo de ouvidores de vozes em questão, que as funções designadas para os facilitadores por vezes se estendiam para além

das atividades ocorridas no momento dos encontros grupais, envolvendo não só a condução da reunião como também todo o planejamento necessário para que ela ocorresse. Esse planejamento consistia em envio de mensagens por meio de aplicativo de conversa e/ou telefonemas semanais para convocar os participantes; confecção de material didático para ensinar/facilitar o acesso à plataforma de reunião online; elaboração de dinâmicas interativas a serem realizadas durante os encontros; a escolha de atividades extras de expressão e reflexão (como poesias, músicas, relaxamento); estudo de textos no intuito de enriquecer a compreensão do fenômeno de audição de vozes e discussões sobre as necessidades e dificuldades apresentadas pelos participantes em relação ao grupo. Deste modo, pudemos perceber que muitas das atividades prévias ou posteriores aos encontros semanais do grupo, antes não consideradas como “facilitação”, poderiam ser vistas como tal, pois de certo modo faziam parte da dinâmica compreendida como promotora das reuniões e da ideia de grupo.

Conforme nos assinala Baroni (2018) de maneira geral, a facilitação teria um lugar determinante para a dinâmica de um grupo de ouvintes, não apenas na condução das reuniões, mas também na exploração da potencialidade do grupo, trazendo novos conteúdos e novas perspectivas, incentivando a manifestação de todos, o silêncio oportuno, assim como a abertura para aquilo que possa vir de fora do contexto grupal, alterando positivamente o seu funcionamento. De acordo com a autora, podemos pensar tal posição como a de neutralidade que permite a emergência da diversidade a partir da narrativa singular de cada experiência, mas também como a posição de centralidade e de concentração de esforços numa espécie de liderança democrática e horizontalizada que aponta caminhos a serem percorridos pelo grupo” (Baroni, 2018, p. 30).

Um dos pontos de destaque em relação à posição de facilitação seria o cuidado ao se oferecer acolhimento no momento grupal, estando atento em não se enfatizar a vulnerabilidade de cada sujeito, mas sim em ativar uma espécie de reconhecimento da potencialidade própria, em um trabalho de empoderamento, de fortalecimento de confiança em si mesmo e de busca por recursos próprios para a criação de saídas para situações vistas como de difícil solução. Outro ponto a se destacar no processo de facilitação seria o trabalho de situar o fenômeno de escuta de vozes no tempo e no espaço, dentro da realidade da narrativa de cada participante. Ou seja, trazer materialidade ao fenômeno e propiciar compreensões quanto a relações entre as vozes e as próprias emoções, pensamentos e eventos de quem as ouve, buscando assim uma compreensão para tal processo de modo singular mesmo que dentro de um contexto grupal.

Cabe ressaltar, que embora a facilitação empreendida por profissionais ou estagiários em saúde mental, não seja a mais desejável dentro da perspectiva da *Rede Interoice*, pode, contudo, apresentar aspectos muito positivos para o desenvolvimento dos grupos de ouvintes, uma vez que

um facilitador preparado para uma escuta atenta e cuidadosa pode contribuir sobremaneira a favor de uma dinâmica que envolve muitas vezes conteúdos emocionais, sem com isto se tornar um grupo terapêutico.

O saber da experiência

Em se tratando de um trabalho como equipe em saúde mental, assim como em um projeto de grupo com ouvidores de vozes, conhecer o campo da saúde mental em suas práticas, técnicas, conceitos e história pode contribuir significativamente de modo a pautar ações e intervenções a partir de direcionamentos coerentes. No caso dos grupos de ouvidores de vozes, suas práticas estão pautadas, sobretudo, pelas diretrizes da *Rede Internacional Intervoice*.

Muito embora um grupo de ouvidores de vozes não tenha um caráter terapêutico e nem trabalhe a partir de um enfoque interpretativo das experiências de escuta de vozes ou do sofrimento psíquico, pudemos observar a emergência de perspectivas psicológicas com certa frequência nos encontros de supervisão entre a equipe de trabalho (estagiários e coordenadora), uma vez que buscava-se estabelecer conexões entre a prática vivida no grupo e os conteúdos discutidos em sala de aula. No momento das reuniões grupais com os ouvidores, embora o grupo de ouvidores de vozes não apresentasse como preceito a psicoterapia, foi possível também observar, a partir dos relatos de participantes ouvidores, certos efeitos terapêuticos, uma vez que proporcionar a escuta do mal-estar, tendo como norte a manifestação singular do ouvidor no grupo e a possibilidade de construção de um saber que lhe é próprio, pôde trazer aproximações da experiência grupal com a experiência psicoterapêutica.

Cabe ressaltar que o espaço de facilitação no grupo de ouvidores de vozes não deve ter como centro o profissional de saúde. Para ocupar a posição de facilitador, como já dito, é esperado que o sujeito se posicione como articulador das falas no grupo, a fim de possibilitar a escuta, para além de um saber normatizador, visando assim a horizontalidade e uma simetria nas relações. Uma vez que, o eixo central do grupo é sustentado pelas premissas da Reforma Psiquiátrica de autonomia, ressocialização e cidadania, o grupo deve operar como lugar de circulação de fala, de modo a produzir efeitos desse coletivo, convocando todos e cada um em sua responsabilidade no laço social (Figueiredo, 2005). O sujeito pode assim narrar sua história ao invés de ser falado por um saber já estabelecido em relação à sua própria experiência interpretada como resultado de uma patologia.

No que se refere à experiência de audição de vozes, no contexto grupal apresentaram-se sempre controvérsias quanto a se tratar de um fenômeno ou de um sintoma. No entanto, um amplo conceito de saúde é necessário à transformação cultural e individual em relação ao processo das

vozes, o que implica em muitos momentos, em avanços e retrocessos em relação às compreensões sobre o fenômeno de escuta de vozes. Seria necessário assim se encaminhar para um conceito de saúde que possa incluir dimensões individuais, sociais e ecológicas; exigindo uma visão sistêmica dos organismos vivos e correspondentemente uma visão sistêmica de saúde (Canguilhem, 1966/1990; Capra, 1982/1998).

A ampliação da discussão sobre a experiência das vozes convida as várias perspectivas teóricas a repensar constantemente esta experiência, englobando cada vez mais diversos fatores relacionados e, principalmente, dando voz a quem narra e vive tal experiência. Tendo em vista que as perspectivas teóricas servem aos profissionais para a compreensão das experiências, será na fala e na história do sujeito onde se estará o sentido e os recursos para a retomada ou construção de um caminho de cuidado e cura a serem traçados. Sendo assim, espera-se com a proposta dos grupos de ouvintes que as tantas vozes não técnicas possam ser ouvidas e que componham a realidade do processo de cuidado e cura.

Embora a proposta dos grupos *Intervoice* seja a de ceder lugar à experiência das vozes narradas a partir de quem as ouve, ainda pôde-se perceber no grupo em questão o movimento de alguns dos integrantes ouvintes no sentido de esperar dos profissionais envolvidos no projeto seus pareceres em relação às vozes e a temas afins. Pudemos observar também com recorrência a denominação dos profissionais participantes por parte dos ouvintes como “*experts*”, “professores” ou “doutores”, mesmo que estes estivessem ali também relatando suas experiências de vida, dificuldades e superações, tentando assim promover um espaço de diálogo e horizontalidade. Pudemos observar com isto, a existência de uma grande dificuldade em se destituir os lugares convencionais estabelecidos nas relações entre profissionais e pacientes, reproduzidas então no contexto do grupo. Parte desta dificuldade perpassa o pensamento colonizado que se refere à hierarquia de saberes científicos e empíricos em detrimento do saber da experiência. Portanto, decolonizar os saberes dentro do grupo, significa também possibilitar com que experiências de subjetividade subalternizadas sejam observadas mais atentamente, uma vez que “descolonizar implica estilhaçar as velhas sedimentações culturais, intelectuais e políticas” (Veiga, 2019 p. 247).

Outra observação neste mesmo sentido, foi a de que em períodos de férias da universidade, e portanto, de suspensão das atividades dos estagiários e ausência da coordenadora do projeto, o número de participantes ouvintes diminuía, levando-nos a refletir sobre um entendimento da função do grupo por parte dos ouvintes ainda a partir de uma perspectiva pedagógica, centrada na função de um profissional como promotor das atividades. Houveram também duas ocasiões em que uma ouvinte assumindo a função de facilitadora conseguiu dar continuidade aos encontros grupais em um período de ausência da coordenadora. No entanto, a partir

do segundo ou terceiro encontro, desestimulada pela redução gradual do número dos participantes, decidiu por não prosseguir com as reuniões. Tais acontecimentos nos levaram a refletir sobre a importância em se fortalecer no grupo a ideia de autonomia em relação às decisões grupais (em detrimento da ideia de passividade diante das decisões da coordenadora), assim como fortalecer a percepção da centralidade dos próprios ouvidores no processo e dinâmica do grupo, a responsabilidade em relação à função de facilitação e estímulo dos demais à participação nos encontros.

Outro fator importante a se destacar no processo do grupo é concernente à participação de duas ou mais ouvadoras em palestras e conferências sobre o tema da saúde mental. Trataram-se de atividades propostas a partir da inserção destas no ambiente universitário de pesquisa e extensão, apresentando-se como palestrantes, narrando suas histórias e expondo suas opiniões, reconhecidas em suas falas (em seu saber da experiência) como sujeitos e não como objetos a serem expostos em seus diagnósticos em psiquiatria ou psicologia. Tal mudança de posicionamento pode interferir sobremaneira na mudança das relações entre comunidade científica e sujeitos vistos como psiquiatrizados, ou seja, auxiliar na transformação da relação entre o saber de quem ouve vozes e o saber de quem atende o ouvador. A possibilidade de escuta, consideração e respeito de fato ao saber da experiência pode então possibilitar que ocupe cada vez mais espaço no mundo acadêmico. Em uma perspectiva foucaultiana, podemos analisar esta tensão entre saberes e poderes, assim como as rupturas e reconfigurações nas formas de se relacionar e ocupar espaço sociais como acontecimentos propícios para o surgimento de novas práticas sociais e práticas de si referentes aos ouvadores (Foucault, 1978/2021).

Questões de gênero

Os papéis de gênero contribuem para a estruturação de padrões de comportamento que correspondem, dentro de uma determinada cultura e de acordo com seu sexo, a desempenhos esperados e desejados por meio de atividades sociais, econômicas e políticas. As desigualdades entre homens e mulheres, repercutem na forma como cada sujeito experiencia o mundo. O determinismo de papéis estabelecidos a partir de uma cultura centrada no poder masculino, pode repercutir em problemáticas específicas para homens e mulheres. Deste modo, os papéis sociais, políticos e econômicos experimentados em dimensão individual, podem interferir também na estruturação e manifestação de sofrimento psíquico.

Um número significativo de pesquisas atuais em saúde mental considera as questões de gênero como de grande importância analítica, pautando suas discussões acerca do engendramento do sofrimento psíquico para com o gênero (Zanillo, Fiuza & Costa, 2015). Tendo em vista o apagamento histórico do sofrimento das mulheres e as facetas engendradas no sofrimento psíquico de homens e mulheres, alguns estudos sugerem que o

gênero pode determinar a forma como o sofrimento será acolhido, tratado, escutado e diagnosticado nos serviços de saúde, principalmente nos serviços de saúde mental (Zanello et al., 2015; Kantorski et. al., 2020). Consideramos assim oportuno manter um olhar atento em relação às questões de gênero, no intuito de auxiliar nas reflexões grupais quanto às experiências com as vozes.

No caso dos ouvidores de vozes esses padrões internalizados passam também a influenciar a experiência com as vozes (Fernandes & Zanello, 2018). A correlação entre o conteúdo das vozes e questões de gênero vividas como problemáticas para ouvidoras e ouvidores, podem vir a reforçar as estruturas culturais e a microfísica do poder, como formas de manter a cultura e seus adocimentos mesmo que de maneira inconsciente (Kantorski et. al., 2020).

No presente grupo, no período de atividades realizadas, pudemos observar o predomínio da presença de mulheres, tanto entre os estagiários, quanto entre os ouvidores. Compareceram no total, ao longo dos encontros, 6 homens (2 estagiários e 4 ouvidores) e 11 mulheres (5 estagiárias e 6 ouvidoras). No grupo em questão, foi possível observar algumas marcas deixadas pela diferenciação do gênero, como por exemplo referente a temáticas mais circunscritas ao universo feminino, por meio de relatos em relação a crises identitárias, maternidade, casamento, cuidado com o outro ou disponibilidade e compromissos, aproximando por vezes suas percepções sobre o próprio processo grupal à ideia de família.

Algumas ouvidoras relataram não se sentir à vontade dentro de suas casas para narrar suas histórias no momento das reuniões do grupo no formato *online*, por se encontrarem próximas aos seus familiares. Duas delas alegaram encontrar dificuldades devido à falta de privacidade ou pela preferência em manter em segredo de seus parceiros o fato de escutar vozes. Tal observação nos fez refletir sobre as questões de gênero e um possível duplo silenciamento histórico vivenciado pelas participantes, por se tratarem de mulheres e ainda ouvidoras de vozes (Kantorski, et. al., 2020). No entanto, cabe salientar que tal situação de desconforto ou constrangimento ao se tratar do assunto das vozes no contexto familiar, também apareceu em relatos de homens membros do grupo, o que nos levou a refletir sobre o compartilhamento desse problema por homens e mulheres, não se configurando necessariamente em uma questão de um gênero. Tal dificuldade poderia assim estar mais atravessada pelo estigma em relação ao fenômeno de ouvir vozes do que pelas questões de gênero.

No grupo em questão, alguns homens ouvidores relataram que suas vozes estavam relacionadas a conteúdos de agressividade, introduzindo questões problemáticas em relação à masculinidade, pondo em destaque ou em risco a identidade construída através da ideia de virilidade masculina. Houve ainda uma importante contribuição de um ouvitor de vozes que ao iniciar seu processo de transição de gênero (devido ao seu não reconhe-

cimento em um corpo feminino no qual havia nascido), relatou ter irrompido simultaneamente à sua transição a manifestação de vozes, vindo à tona problemas relacionados ao medo, traumas e estresses em decorrência de sua atual identificação de gênero.

Ressalta-se assim a importância de estarmos atentos aos processos identificatórios de gênero e possíveis relações com o sofrimento psíquico, uma vez que não atendendo aos papéis sociais previamente instituídos para homens e mulheres podemos ativar uma dinâmica de estresse, culpa, isolamento e não aceitação de si mesmo, assim como o medo de violências e da exclusão social, podendo culminar em um processo de escuta de vozes não pacífico.

Considerações finais

Pudemos observar que o fenômeno de audição de vozes, desnaturalizado de uma perspectiva estritamente biomédica, pode ser reconhecido como um acontecimento, em âmbito individual e coletivo, capaz de catalisar experiências tanto de sofrimento, quanto de saúde. Uma vez que o eixo central do Grupo de Ouvidores de Vozes, em acordo com as premissas da Reforma Psiquiátrica e do *Movimento Hearing Voices*, se baseia na busca por autonomia, ressocialização e cidadania, os grupos estariam em consonância com a proposta de uma sociedade mais justa, inclusiva, democrática e sem manicômios.

Sendo assim, o movimento dos ouvidores de vozes atua, mesmo sem estar ligado formal ou diretamente aos serviços públicos de saúde mental no país, no sentido oposto ao da institucionalização ou permanência prolongada de indivíduos em redes de internação, uma vez se situando como território livre de circulação, de diálogo e de criação de estratégias coletivas em momentos de dificuldades e de crise. Deste modo, os grupos se estruturam de modo a promover a construção de laço social, a sensação de pertencimento a um coletivo e o estímulo para redes de cuidado mútuos, assim como em nível individual contribuem no processo de normalização da experiência de ouvir vozes e do convívio pacífico com elas.

No entanto, para que seja possível uma transformação social mais abrangente em termos de posicionamentos diante ao sofrimento psíquico severo, faz-se necessária uma nova experiência que envolva a ampliação do conceito de saúde, a despatologização da vida e do sofrimento, envolvendo outros modelos e perspectivas em saúde mental que se baseiam em relações mais horizontalizadas, no trabalho por pares e na ideia de *recovery*.

Sobre a perspectiva das relações de poder pudemos observar que a posição de facilitação buscou instaurar outra ordem relacional e dialógica entre os participantes, trazendo a horizontalidade como possibilidade de equanimidade e reposicionamento nas relações e o incentivo à intercambiabilidade no seu manejo, fazendo com que todos pudessem ocupar as mes-

mas posições no grupo. Sobre a perspectiva das relações de saber pudemos observar a importância do grupo como contexto para elaborações e ressignificações das experiências em primeira pessoa, buscando valorizar o sentido atribuído por cada sujeito à sua própria experiência, bem como a possibilidade de ressignificação destas, não havendo o comprometimento com uma verdade única e absoluta de si e de seu processo. O saber técnico dos profissionais advindos de compêndios de psiquiatria ou de livros de psicologia puderam assim ser suspensos no momento do grupo, visando um olhar despatologizante do fenômeno e a valorização do saber da experiência a partir de um enfoque positivo e criativo sobre as diferenças. Já sobre as questões de gênero pudemos observar a importância de problemáticas específicas às experiências de ser mulher ou homem em nossa sociedade em relação ao conteúdo, origem ou identidade das vozes, o que nos leva a refletir sobre a importância em uma nova pesquisa a se aprofundar nesse tema.

De modo geral, pudemos concluir que apesar da nova configuração dos encontros devido à pandemia do Coronavírus e aos aspectos de isolamento, as reuniões virtuais vieram a se estabelecer como espaço de cuidado, atenção, sociabilidade, acolhimento, suporte e trocas afetivas, mesmo que de forma paliativa, estimulando a permanência no território, destacando a importância de uma perspectiva psicossocial em situações de sofrimento e estimulando a não comparatividade em termos de critérios de normalidade entre sujeitos. Compromisso tanto de ordem do acolhimento como também de responsabilização das falas, em uma proposta de demarcação ética do sujeito, ou seja, uma ética do bem dizer em relação à sua própria verdade.

Sendo assim, concluiu-se, a partir das observações deste artigo, que a abordagem proposta pelo Movimento de Grupos de Ouvidores de Vozes (*Intervoice*) pode contribuir significativamente na promoção de transformações nas relações de saber e poder entre membros ouvidores e não ouvidores, desenvolvendo relações mais igualitárias (horizontalidade), disseminando a ideia de normalidade apesar da diferença (despatologização) e de busca por autonomia, valorizando interpretações pessoais e não técnicas de suas trajetórias (saber da experiência), articulando pessoas em coletivos com objetivos comuns de superação (empoderamento) e estimulando a busca por recursos próprios na condução de suas vidas (protagonismo).

Referências

- Baroni, D. P. M. (2018). Reflexiones sobre la facilitación en los grupos de escuchadores de voces - entrevoces. *X Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología, XXV Jornadas de Investigación y XIV Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR*. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

- Baker, P. (2009). *The voice inside: a practical guide for and about people who hear voices*. Isle of Lewis, Reino Unido: P&P Press.
- Baker, P. (2015). *Abordagem de ouvir vozes: treinamento Brasil. Apostila exclusiva de treinamento na Abordagem de ouvir vozes (Hearing Voices Approach)*. São Paulo: CENAT - Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas.
- Bien, C., Reis G. C. The hearing voices movement: Mental health advocacy and Recovery. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 9(21), 79-88. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69537>. Acesso em 15 de agosto de 2025.
- Canguilhem, G. (1966/1990). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Capra, F. (1982/1998). *O ponto de mutação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Contini, C. (2013). *Sentire le voci. Manuale di affrontamento*. Itália: self publishing.
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2018). Para além da alucinação auditiva como sintoma psiquiátrico. *Journal of Nursing and Health*, 8, 1-19.
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2018). A topografia da audição de vozes: uma possibilidade de interpretação da linguagem da subjetividade. *Saúde e Pesquisa*, 11(3), 555-565.
- Fernandes, H. C. D., & Zanello, V. (2020). Escutar (as) Vozes: Da qualificação da experiência à possibilidade de cuidado. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 36, 1-11.
- Figueiredo, A. C. (2005). Uma proposta da psicanálise para o trabalho em equipe na atenção psicossocial. *Mental*, 3(5) 43-55. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000200004. Acesso em 15 de agosto de 2025.
- Foucault, M. (1978/2021). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Record.
- Intervoice Brasil (Org.). (2017). *Manual: Como montar um grupo de ouvidores de vozes*. São Paulo: Intervoice Brasil.
- Kantorski, L. P., Machado, R. A., Santos, C. G., Oliveira Couto, M. L., & Ramos, C. I. (2020). A análise de gênero dos conteúdos das vozes que os outros não ouvem. *Psicologia em Estudo*, 25, 1-13.
- Romme, M., Escher, S., Dillon, J., Corstens, D., & Morris, M. (2009). *Living with voices: 50 stories of recovery*. Monmouth, Reino Unido: PCCS Books Ltd.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & realidade*, 20(2), 71-99.

- Vasconcelos, E. M., Lotfi, G., Braz, R., Di Lorenzo, R., & Reis, T. R. (2013). *Manual [de] ajuda e suporte mútuos em saúde mental: para facilitadores, trabalhadores e profissionais de saúde e saúde mental*. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ; Brasília: Ministério da Saúde, Fundo Nacional de Saúde.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 244-248. Disponível em: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000.
- Watkins, J. (2008). *Hearing Voices: a common human experience*. (2ed.) Melbourne, Austrália: Michelle Anderson Publishing.
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246.
-

Fecha de recepción: 23 de septiembre de 2025

Fecha de aceptación: 30 de noviembre de 2025